

O VERSO E O REVERSO DO DISCURSO FEMININO

Paula Renata Bertho¹

Resumo

A língua é um sistema dinâmico, produtivo, um instrumento de comunicação que carrega consigo traços culturais, sociais e ideológicos. Interessados em efetivar tais verificações, tentaremos, neste trabalho, discutir parte das mudanças significativas no discurso feminino que acompanharam as transformações ocorridas no papel da mulher, enquanto elemento da sociedade, cuidando de verificar que tais alterações processadas na veiculação do discurso em questão se deram paralelamente às importantes “conquistas” que o sexo feminino alcançou, a partir da década de 50, quando da Revolução Feminista. Nosso subsídio para a proposta de trabalho consistirá em um artigo da revista O Cruzeiro (1955) – Autocrítica – seção Da Mulher para a Mulher – e em outro que trata do mesmo tema pertencente à revista Marie Claire (julho/1999) – Homens em obras. Nestes artigos, datados de diferentes épocas, e, conseqüentemente, sustentados por diferentes pensamentos ideológicos, buscaremos operacionalizar o levantamento de alguns termos que sofreram modificações no seu uso com o passar dos anos.

Palavras-chave: 1. Argumentação 2. Ideologia 3. Imprensa feminina

Abstract

VERSE AND REVERSE OF WOMEN'S DISCOURSE

Language is a dynamic and productive system, a tool for communication that carries cultural, social and ideological traits. Interested in effecting such verification, we will try to discuss, in this work, some of the significant changes in women's discourse that accompanied the changes in the role of women as an element of society, taking care to verify that these changes processed in the transmission of the speech in question may have parallel the important “achievements” that women reached from the 50's, when the Feminist Revolution occurred. Our allowance for the proposed work consists in an article of the magazine named O Cruzeiro (1955) - Self-criticism - Section Woman for Women - and in another that addresses the same subject belonging to Marie Claire magazine (July 1999) - Men at work. In these articles, dating from different periods and, therefore, supported by different ideological thoughts, we will try to operationalize the survey of some terms which use have been changed over the years.

Key-words: 1. arguments 2. ideology 3. women's press

¹ Mestre em Letras. Docente do UNIVEM (Marília/SP). E-mail: paulabertho@univem.edu.br

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, objetivamos explorar o fato de que a língua é um sistema dinâmico, produtivo; um instrumento de comunicação que carrega consigo traços culturais, sociais e ideológicos. Para tanto, faremos a abordagem de dois artigos de revista: um da revista **O Cruzeiro** (abril/1.955) – intitulado *Autocrítica* – seção *Da Mulher para a Mulher* – e outro pertencente a uma revista feminina atual – **Marie Claire** (julho/1.999) – intitulado *Homens em obras*.

Nesses artigos, datados de diferentes épocas, e, conseqüentemente, sustentados por diferentes ideologias, buscaremos realizar o levantamento de alguns termos que sofreram modificações no seu uso com o passar dos anos.

Sabemos que recentemente a lexicologia tem sido estudada com orientação metodológica de um trabalho vinculado ao processo discursivo. O homem não fala por palavras isoladas e frases soltas, mas pela consonância de elementos relacionais dos diferentes tipos de discursos, resultantes das relações sociais e históricas, culturais e ideológicas, literárias e poéticas, técnicas e científicas.

Constituindo-se do conjunto das unidades integrantes da língua de uma comunidade, o léxico (campo de investigação da lexicologia) mobiliza conceitos e definições designativas de certo objeto do saber e abre espaço para relações significativas da linguagem (textualidade), tornando-se

operacional no processo comunicativo. Representativo de um sistema de possibilidades que atende ao conjunto de realidades criadas, o léxico configura-se no discurso e responde pelas coisas criadas no universo de conhecimento.

Sobre a relação entre formas lingüísticas e fatores ou funções sociais, Camacho (1988, p.37) afirma que “não são outros os fatores que determinam a mudança lingüística, senão os sociais”.

Do ponto de vista pragmático-discursivo, a palavra (unidade da fala) faz criar imagens do locutor, segundo a mobilidade que ela tem no discurso. Descontextualizada, a palavra adquire características polissêmicas; contrariamente, o seu uso em alta freqüência de ocorrência responde pela delimitação.

Contextualizada, os processos de significação funcionam e instanciam-se no campo cultural e histórico. Evidenciam-se como meio de interação entre os indivíduos de uma comunidade (atitude sociocultural): a palavra muda de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, até porque não somente as intenções determinam o “dizer”, mas também a articulação entre o “dizer” intencional e as convenções sociais respondem por esse “dizer”.

I ANÁLISE

Nosso trabalho de análise será iniciado com uma definição do conceito de *família* veiculado pelos dois artigos citados. Observemos:

I.

AUTOCRÍTICA

1 Em toda família bem constituída existe uma hierarquia de autoridade. O marido é o chefe a quem
2 cabe as decisões supremas. Logo abaixo vem a autoridade da esposa. E finalmente os irmãos mais
3 velhos têm autoridade sobre os mais novos. Isso tudo parece óbvio afirmar. Entretanto, existem
4 inúmeras famílias em que impera a desordem justamente por não ser respeitada essa hierarquia
5 natural. E há outras em que há ordem – mas é a esposa que cabe sempre a última palavra. É
6 particularmente destas esposas-verdugo de que nos ocuparemos hoje.

7 Ela é respeitada e obedecida. Mas... será amada? E sua família será feliz? Podemos afirmar que
8 não. Todos ali vivem sob um regime de pressão, a começar pelo esposo. Ela é muito severa nos
9 julgamentos. Na sua opinião todos têm defeitos e só ela sabe educar. Quando há discordância de
10 pontos de vista com o marido – qual o casal que não as têm? – é ela sempre quem decide. Ele se
11 sujeita porque ama os filhos acima de tudo no mundo e tem a mais ampla noção da sua
12 responsabilidade de chefe de família. Conhece de sobra a esposa e sabe que, se a contrariar, ela será
13 capaz dos maiores impropérios. Irá até o escândalo. E ele não quer prejudicar os filhos, mesmo
14 porque, afora aquele gênio de aço, a esposa tem grandes qualidades. Os meninos, no dizer geral, são
15 muito bem educados porque obedecem a um simples olhar da mãe. Será aquilo, porém, educação ou
16 temor? Se alguém lhes pudesse penetrar a alma, estamos certos, veria simplesmente que têm medo.
17 Ora, positivamente está errada a vida íntima dessa família. E tudo parte do fato de que a esposa não
18 tem autocrítica. Está sempre pronta a criticar os atos alheios – nunca, porém, os seus próprios. Acha-
19 se inatacável. Precisamos lembrar que todos estamos sujeitos a cometer enganos. E nada mais natural,
20 entre marido e mulher, do que a troca de idéias, cedendo um de cada vez, para que haja equilíbrio. De
21 acordo com as leis da natureza, Deus e o Estado deram ao homem a direção da família. A mulher-
22 verdugo poderá contrariar essa regra. Mas ninguém na sua família – nem ela própria – se sentirá
23 inteiramente feliz.

MARIA TEREZA

(Revista O CRUZEIRO, 23 de abril de 1955)

II.

HOMENS EM OBRAS

1 oprimidos e deprimidos pelas conquistas das mulheres nos últimos 30 anos,
2 os homens estão entrando no próximo milênio à procura de um novo eixo de valores
3 que os tirem do nevoeiro em que se encontram. E é justamente esse processo
4 que está levando o homem à reconstrução de sua masculinidade. Por João Wady Cury

I.

5 Cenários de falência do papel masculino nos dias de hoje fazem parte de um filme
6 educativo que tem sido exibido para milhares de adolescentes no país. O título do vídeo é
7 sugestivo: "homem.com.h", numa alusão à modernidade dos endereços eletrônicos da
8 Internet. Só que, de moderno e atual, restou somente o comportamento da mulher –
9 determinado e independente. Produzido pela agência Ecos (Estudos e Comunicações em
10 Sexualidade e Reprodução Humana), com financiamento da Fundação MacArthur (entidade
11 norte-americana apoio à pesquisa), o vídeo mostra que o homem de hoje está em crise, não
12 sabe mais o que fazer da vida e precisa recuperar o tempo perdido.

13 É a constatação de que o modelo seguido pelo homem nos últimos 50 anos faliu. As
14 provas disto estão aí, todos os dias, por todos os cantos. Em casa, sua participação na
15 educação dos filhos é exigida sem que, no entanto, ele legue para as crianças os
16 ensinamentos (a maior parte deles retrógrados) deixados por seu pai. Isso o deixa perdido:
17 ele não se renovou e, por isso, não pode ensinar algo de novo aos filhos. Sua mulher – que
18 agora trabalha e às vezes ganha mais do que ele – exige desempenho sexual impecável.
19 No escritório, com a chegada das mulheres em massa ao mercado de trabalho, ele vem
20 perdendo posições.

21 Os números estão perfeitamente traduzidos nos levantamentos do IBGE, o Instituto
22 Brasileiro de Geografia e Estatística. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de
23 Domicílio (PNAD) cerca de 24% das mulheres brasileiras são chefes de família, ou seja, é o
24 seu salário que sustenta a casa. Nos últimos 20 anos a quantidade de mulheres que se
25 tornaram chefes de família praticamente dobrou.

26 A escalada da mulher em direção ao controle financeiro das famílias desequilibrou a
27 fórmula tradicional que compunha o homem (sexo+dinheiro). Sobrou apenas o componente
28 do sexo. E até na cama o homem passou a falhar – falhar, aqui, nem sempre tem a ver com
29 potência sexual. “Descobri que eu era aquele cara que as mulheres ridicularizam,
30 chamando de péssimo exemplo de parceiro sexual” reconhece, desorientado, o engenheiro
31 Francisco, 50 anos.

32 2. Humilhação Pública

33 A antiga imagem do homem – imbatível, viril, prepotente – acabou dando lugar a uma
34 massa disforme em busca de uma nova identidade. No processo, sobram
35 comportamentos confusos e incoerentes. Alguns mascaram a sensação de fragilidade
36 reagindo com violência. Há números alarmantes de crescimento da violência doméstica,
37 seja contra a mulher, seja contra crianças. E mais: a faixa etária de rapazes entre 15 anos e
38 24 anos é a que reúne a maior quantidade de vítimas por armas de fogo da sociedade.

39 A televisão dá a medida exata de como esse descontrole da situação atingiu a
40 masculinidade: nos últimos anos, homens conhecidos e poderosos como o presidente norte-
41 americano, Bill Clinton, e o boxeador Mike Tyson, passaram por uma humilhação pública
42 sem precedentes justamente pelo comportamento que tiveram em relação às mulheres.

43 Eleito como o sexo frágil da vez, não há um canto da alma masculina que não tenha sido
44 chacoalhado. Há mais de 500 sites que abordam o assunto na Internet, da Noruega ao
45 Brasil. Algumas correntes da psicologia batizaram esse estado de expectativas de
46 “masculismo”, numa alusão evidente ao feminismo. Consideram que a situação agora, se
47 inverteu: o homem tem sido oprimido principalmente pelas mulheres, que além de
48 conquistarem mais espaço não querem abrir mão de privilégios como não pagar as contas
49 de restaurantes... Outras correntes enxergam a questão com mais amplitude: acham que o
50 homem só poderá recriar os seus valores com a ajuda da mulher e de sua família.

51 Mas, ao contrário do feminismo, o “masculismo” não é um movimento e muito menos
52 coletivo. “O homem não tem percebido que o seu processo não é individual. Não percebe
53 que o sujeito do seu lado também passa pelos mesmos problemas e tem as mesmas
54 dúvidas que ele”, diz a psicóloga Margareth Arilha, diretora da Ecos, uma ONG que se
55 dedica há dez anos ao estudo dos valores e comportamentos relacionados à sexualidade.

56 Depois de várias décadas sem mudanças nos papéis que desempenhava na sociedade,
57 o homem está sendo obrigado a mudar. Nesta fase de reconstrução, dá a impressão
58 permanente de que ele só está perdendo com a estrutura familiar vigente – e, de fato, é
59 verdade. “O que tanto homens quanto mulheres devem perceber é que os papéis criados
60 pela sociedade para eles estão em constante mutação”, diz a psicóloga.

61 3. Pai 24 horas

62 Todas essas questões para o psicoterapeuta carioca Sócrates Nolasco, têm um ponto de
63 convergência: a carga de responsabilidade que ele precisa suportar. O “ele” em questão
64 não é qualquer homem e sim aquele que pertence a um grupo específico, de acordo com
65 Nolasco: o homem branco heterossexual. “Se os homens estão em crise, o que pertence a
66 esse grupo está numa situação ainda mais complicada”, explica. “Enquanto os negros e
67 homossexuais desde a década de 60 e 70 têm se organizado, o homem branco
68 heterossexual está abandonado, sem elementos com os quais possa se identificar”. Ou
69 seja, marcou toca porque nunca foi minoria, e nem parecia ameaçado.

70 São justamente pessoas desse grupo que podem se transformar, por exemplo, em pit-
71 boys – aqueles jovens lutadores de jiu-jitsu, que podem ser vistos pelas ruas com a
72 adrenalina no mais alto grau, lado a lado com seus cachorros da raça pit-bull. Eles são a
73 caricatura mal-acabada da masculinidade em crise. Tal como os vilões de videogame,
74 canalizam suas frustrações na capacidade de agredir. “Esses jovens acham que ou se
75 tornam pit-boys ou correm o risco de serem tachados de homossexuais”, afirma Nolasco.
76 “Eles acabam buscando a sua virilidade quando se juntam à turma, qualquer que seja ela.
77 Essa é a virilidade à moda antiga, marcada pela violência. O tempo passou e a virilidade do
78 homem não foi sendo atualizada”.

79 Nolasco realiza, há pelo menos 15 anos, um trabalho pioneiro quando o assunto é a
80 recuperação da (verdadeira) masculinidade. Para ele, a chave do problema dos homens é o
81 silêncio em torno de seus problemas. É um clássico: o homem não fala para não parecer

82 frágil. "Com o passar do tempo, ele acabou ficando sem voz e também sem vez para falar
83 sobre a sua vida", diz o psicoterapeuta.

84 Além de sua atuação junto ao divã, Nolasco criou uma linha quente de atendimento
85 ininterrupto, chamada Pai 24 Horas – um nome que ironiza os "pais provedores" que mais
86 se parecem com caixas eletrônicos de bancos. O serviço, gratuito, oferece informações
87 jurídicas sobre guardas de filhos compartilhadas, orientações educacionais, endereços de
88 varas de família, que atitude tomar quando a mãe impede o pai de ver os filhos e por aí vai.
89 É um flanco da questão: quem fica com os filhos, quando, como e por quê. "Tivemos vários
90 casos de pessoas que não sabiam que atitudes tomar em determinadas situações práticas
91 de suas vidas. Temos o exemplo das varas de família, onde todas as decisões
92 desrespeitam a Constituição, ou seja, ali as pessoas não são tratadas como iguais. As
93 mulheres são mais do que os homens e rarissimamente perdem a guarda dos filhos para
94 eles", afirma Nolasco.

95 4. Fator de risco

96 Os casos mais comuns, de acordo com o psiquiatra Luiz Cuschnir, do Instituto de
97 Psiquiatria do Hospital das Clínicas, se dão no confronto entre homem e mulher e
98 principalmente após o início do movimento feminista, no final dos anos 60. "Foi a partir daí
99 que os papéis tiveram de ser reconstruídos", diz o psiquiatra, que faz um trabalho específico
100 com homens para que se reencontrem e passem a se preocupar com eles mesmos.

101 Desde que começou a realizar estudos com grupos de homens, Cuschnir percebeu que
102 o momento atual, tanto para os homens quanto para as mulheres, é rico. De um lado, há o
103 homem que está consciente de que precisa mudar e vem iniciando lentamente esse
104 processo de reordenação de valores. Do outro, estão as mulheres que já mudaram e vivem
105 suas conquistas. "Para o homem, o ponto principal, agora, deveria ser se preocupar consigo
106 mesmo", afirma. Esse foco passa, até, por questões de saúde. Se a mulher vai com
107 frequência ao ginecologista e se prepara para a menopausa, o homem não costuma
108 recorrer a ninguém e só agora se fala em "menopausa masculina". "O homem não se
109 prepara para a velhice, muitos nem chegam lá. Ser homem é um fator de risco", diz
110 Cuschnir. "Isso seria minimizado se existisse um especialista que o acompanhasse ao longo
111 da vida", defende.

112 5. Mais sensibilidade

113 Os prenúncios de uma maior flexibilidade no papel masculino já vêm desde a década de
114 70. De Ney Matogrosso, que cantou "Homem com h", a Gilberto Gil, com sua "Super-
115 homem", a música vem retratando as mudanças ou os desejos de uma mudança. Na banca
116 de apostas para o homem do próximo milênio ganha um esboço de um ser mais sensível.

117 De fato, começaram a ganhar espaço entre os estudiosos, principalmente nos Estados
118 Unidos, as bandeiras levantadas pela psicanalista Sandra Bem, da New York University.
119 Segundo uma pesquisa realizada por ela, a partir da segunda metade da década de 80,
120 começou a obter sucesso social, emocional e profissional um grupo de pessoas que
121 consegue, com habilidade, lidar simultaneamente com os dois papéis, tanto do homem
122 quanto da mulher. "Ela batizou esse comportamento de androginia psicológica", explica o
123 psicanalista Oswaldo Rodrigues Júnior, do Instituto Paulista de Sexualidade, que tem
124 percebido um movimento parecido com esse no Brasil. "É bem possível que essa faixa
125 intermediária seja o futuro da humanidade. Hoje, tanto nos consultórios quanto observando
126 o comportamento de pessoas famosas, notamos que esse grupo está aumentando em
127 número. São mais maleáveis na aparência e na postura. Não quer dizer que essa pessoa,
128 com novos horizontes, deixará de sofrer. Mas certamente vai viver melhor e ter relações
129 mais maduras".

JOÃO WADY CURY
(Revista Marie Claire, julho/99)

A reportagem número 1 constitui o arquétipo de família tradicionalista. Já nas linhas iniciais é possível chegar a esta constatação:

“Em tôda família bem constituída existe uma hierarquia de autoridade. O marido é o chefe a quem cabe as decisões supremas. Logo abaixo vem a autoridade da espôsa. E finalmente os irmãos mais velhos têm autoridade sôbre os mais novos. Isso tudo parece óbvio afirmar”.

A proposta de existência de uma hierarquia é o dado principal que subsidia tal classificação. Isso é possível porque, neste período, conforme podemos depreender do artigo da revista *O Cruzeiro*, família era significativo de uma hierarquia natural, de um ambiente de ordem regido por algumas regras impostas pela moral, pela ética e pelos bons costumes. Pertencer a uma família, ainda concordando com o *corpus* apresentado, dispensadas considerações acerca de condições financeiras, era sinônimo de possuir bons princípios, boa índole, caráter, pois implicava ser educado num lar e obter todas as noções de ordem e disciplina.

Essas considerações, entretanto, não estão dicionarizadas, visto que, no dicionário, as noções conceituais de família praticamente não evoluíram com o passar dos tempos. Seja num dicionário da década de 50 (por exemplo, Freire (1957)), seja num dicionário atual (como Ferreira (2004)), embora representem instrumentos datados distintamente, o verbete **família** basicamente não se alterou.

Logo, para o propósito deste trabalho, é importante salientar que não buscaremos o conceito de família nos dicionários, mas na sociolinguística, ciência que se interessa pelos estudos dos fenômenos sociais da língua.

Efetuada tais explicações, voltamos para a reportagem número 2. Este texto, assim como o primeiro, aborda o fato de existir ou não uma hierarquia nos lares brasileiros. Assim, após termos visto a conceituação de família no texto 1, procuraremos fazer o mesmo com o texto 2.

Observemos a passagem introdutória:

“(...) oprimidos e deprimidos pelas conquistas das mulheres nos últimos 30 anos, os homens estão entrando no próximo milênio à procura de um novo eixo de valores que os tirem do nevoeiro em que se encontram. É justamente esse processo que está levando o homem à reconstrução de sua masculinidade”.

Neste caso, diversamente da situação anterior, o modelo de família proposto é o moderno. Logo nas primeiras cenas, a realidade apresentada propõe um novo eixo de valores: pretende-se levar o homem à *reconstrução da masculinidade*.

Do modo como nos é apresentado, o termo *reconstrução* constitui uma designação essencial para o bom entendimento da análise que tentaremos estabelecer dos dois artigos. Tal importância deve-se ao fato de que esta palavra nos remete à informação de que, um dia, a masculinidade já alcançou uma posição superior à que hoje ocupa. Ou seja, o sexo masculino, nos dias atuais, está muito preocupado em reorganizar-se, em reformar sua tradicional posição de “superioridade” frente à sociedade, pois os homens, num passado não tão distante, mantiveram, por toda a história da humanidade, sua imagem relacionada à figura de poder, de controle, de comando, de força.

O primeiro artigo advoga a favor desta conservadora hierarquia social. Nas linhas 1 e 3/4, podemos observar as passagens: *“em tôda família bem constituída existe uma hierarquia de autoridade”* e *“existem inúmeras famílias em que impera a desordem justamente por não ser respeitada essa hierarquia natural”*. Este exemplo, dotado de uma excessiva carga ideológica, dá-nos uma amostra resumida do panorama social vivido na década de 50 e também nas décadas anteriores: para que uma família fosse considerada “organizada” (o que na época implicava em ter boa “formação”), era imprescindível, segundo forças naturais, haver um marido que fosse o chefe (linha 1), uma esposa cuja autoridade viria

logo abaixo (= submissa, linha 2) e finalmente irmãos mais velhos, que teriam autoridade sobre os mais novos (linhas 2 e 3).

Em contrapartida, na segunda reportagem (é importante frisar o momento histórico focalizado por ela – 1999), mais precisamente na linha 5, expõe-se exatamente um quadro oposto. A educação moderna exhibe filmes para tornar público o fato de que o homem “do final do século” é de um tipo muito diferente daquele preconizado pela sociedade do ano de 1955. Neste caso, as *cejas de falência do papel masculino nos dias de hoje* (linha 5) fornecem-nos um exemplo do modo como estão estruturadas as famílias atuais; revelam-nos que, hoje, a responsabilidade pela casa está dividida entre os membros que a ocupam, sobretudo pai e mãe, ou, em muitos casos, principalmente mãe.

Outra alusão à falência da tradicional estruturação das famílias está na linha 7. A referência à modernidade dos endereços eletrônicos da Internet – “*homem.com.h*” – induz o leitor a ser conivente com a intenção do autor. Assim, ao remeter-se aos produtos da era moderna, utiliza-os como instrumentos para justificar o fato de que tudo são conseqüências dos tempos.

Voltemos ao primeiro texto. Algumas linhas acima, havíamos observado a importância, segundo a autora, da existência de uma hierarquia familiar, de haver um *marido*, logo abaixo uma *espôsa* etc. Passemos, então, a estes dois conceitos: o de *marido* e o de *espôsa*.

Segundo a ideologia veiculada pelo texto da revista *O Cruzeiro*, para a sociedade contemporânea à época (1954), *espôsa* era sinônimo de *mulher comprometida para o casamento, de mulher sustentada, amparada, defendida* (Freire, 1957). Da mesma forma, os dicionários mais recentes (Ferreira, 2004) conduzem a esta mesma definição. Por outro lado, todos nós sabemos que tais posições não se sustentam mais. **Espôsa de 1954** e **esposa de 1999** podem ser iguais, enquanto tratamento enciclopédico do termo, porém são totalmente diferentes, quando o assunto é abordado segundo aspectos histórico-político-sociais e, sobretudo, ideológicos.

Com o conceito de marido, pode-se

dizer que ocorreu o mesmo: conforme designações de dicionários, a palavra *marido*, em sua essência, não se alterou; continua a referir-se a *homem casado unido em casamento com uma mulher a qual ampara* (Ferreira, 2004). Contextualizada, porém, seu sentido foi bastante alterado. Paralelamente à reconstrução da masculinidade, houve a construção de novos conceitos que determinam novas formações lexicais.

Assim, para fecharmos estas considerações, observemos a seqüência formada pelas linhas de 13 a 20, do texto 2. O marcador **agora** (linha 18) dá-nos a profundidade da mudança de perspectiva indicada por ele, já que todo **agora** pressupõe um antes. De modo análogo, acreditamos ser este parágrafo um rico exemplo para justificar a causa de inovação de conceitos convencionalmente estabelecidos como os de marido e de esposa.

Amostras de que a mulher tem se tornado o ponto de equilíbrio nas famílias de hoje em dia não são raras. Na reportagem 2, a citação das linhas 22 a 25 é apimentada para os “machões” de plantão (e, pior de tudo, é sustentada por um discurso de autoridade –IBGE – não há como negá-la): “*De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) cerca de 24% das mulheres brasileiras são chefes de família, ou seja, é o seu salário que sustenta a casa. Nos últimos 20 anos a quantidade de mulheres que se tornaram chefes de família praticamente dobrou*”.

Sendo assim, serão exatamente as *espôsas-verdugo* (linha 6) de outrora – as da reportagem 1 – que estarão em moda nos dias de hoje. São as esposas a quem cabe a última palavra e em cujas famílias não há ordem (podemos concluir isso segundo as afirmações da própria Maria Tereza). A dimensão da palavra esposa, primeiramente tratada sob a ótica da submissão, passa a associar-se a outros semas (Pottier, 1965). A combinação de *espôsa* com *verdugo* cria um elemento de elevado poder sugestivo, resultado de uma manobra que poderíamos classificar de insólita, mas que, por outro lado, cria um conjunto altamente expressivo. Essa mudança permite-nos, então, uma associação de idéias com a equação: (em 1954) esposa = mulher indefesa, e esposa-verdugo =

mulher carrasca, mulher que inflige com maus-tratos.

Utilizando a reportagem 2 para discutirmos a mesma questão, notamos que nela, de acordo com o que já afirmamos, será uma constante esta posição inovadora da mulher na hierarquia familiar. Neste caso, o uso intensivo de dados contextuais indicadores de mudança, por exemplo, o anteriormente citado marcador discursivo **agora** (linhas 18, 46, 105 e 108) reafirmará mais uma vez que, em 1999, tanto para a designação esposa, quanto para a designação marido, são dotados de novos semas virtuais. “A escalada da mulher em direção ao controle financeiro das famílias desequilibrou a fórmula tradicional que compunha o homem (sexo + dinheiro); sobrou apenas o componente sexo” (linhas 26 a 28) e, portanto, a “antiga imagem do homem – imbatível, viril, prepotente – acabou dando lugar a uma massa disforme em busca de uma nova identidade” (linhas 33 e 34).

As coisas mudaram...

Nos outros textos desta mesma reportagem de *Marie Claire*, o autor utiliza clichês para referir-se à condição moderna do homem. Um clichê como “sexo frágil”, que “antigamente” era utilizado para referir-se a pessoas do sexo feminino, atualmente, e Wady Cury frisa muito bem esta passagem, mudou de personagem – o homem é que “é eleito como o sexo frágil da vez” (linha 43). Notemos como é clara a especificação desta lexia complexa quanto à marcação temporal – “da vez” – numa alusão ao momento atual, produto de transformações. É o “*masculismo*” (linha 46) – evidente alusão ao feminismo – conquistando o seu espaço.

Voltemos ao texto I. No momento em que a autora fez menção à mulher como *espôsa-verdugo*, ela utilizou-se de um neologismo – adotou sentidos novos para palavras usuais. Tal recurso contribui, conforme já examinamos, diacronicamente, para as mudanças que se processam na língua. Deste modo, a palavra esposa, associada a verdugo, criou uma nova designação carregada de traços sociais e históricos, incluindo traços ideológicos. No texto 2, linhas 70 e 71, encontra-se um novo exemplo de neologismo. Tendo como base de significação a palavra designativa da raça canina

pit-bull – a qual admite conotações ligadas à agressividade e à violência (próprias dos cachorros) – Cury cria uma derivada: *pit-boys*.

Em termos de aproveitamento dos recursos criativos, na linha 77, encontramos tanto uma espécie de esclarecimento para o item citado quanto uma reafirmação de que a sociedade hierarquicamente passou por mudanças: “*virilidade à moda antiga*” e, logo abaixo (linhas 85 e 86): “*Pai 24 horas – um nome que ironiza os ‘pais provedores’ que mais se parecem com caixas eletrônicas de bancos*” – os conceitos empregados, além de auxiliarem na ilustração, enriquecem com expressões próprias da década de 90 a marcação temporal destacada.

Diante destes exemplos, podemos perceber que ser pai realmente se tornou um fator de risco, conforme nos mostra o autor do texto 2. Admitir que a sociedade não possui mais a mesma organização hierárquica, que ela se modernizou, talvez seja o mais sensato a reconhecer. De fato, nas linhas 102 e 103, flagramos a existência de um tipo de “*homem que está consciente de que precisa mudar*”.

Nesse caso, como conseqüência da reorganização dos fatos, há o acréscimo de dois novos elementos denominados “*menopausa masculina*” (linha 108) e “*androgenia psicológica*” (linha 122). Apontar tal concepção é pertinente para a análise, na medida em que, no primeiro caso, à palavra menopausa é acrescentada toda uma carga semântica ‘enriquecedora’, decorrente do emprego de um modificador fora do comum e, até mesmo, estranho: masculina. E, no segundo, devido à clara referência que se faz ao hermafroditismo: forma de vida latente entre os sexos masculino e feminino.

Com este modo de conceber os fatos, Cury remete à conhecida distinção do “*Homem com h*” de Ney Matogrosso e do “*Super-homem*” de Gilberto Gil (linhas 114 e 115), consciente de que, da mesma forma como a música vem retratando as mudanças e os desejos de mudança, “*na banca de apostas (...) o homem do próximo milênio ganha um esboço de um ser mais sensível*” (linha 116). Atentemos mais uma vez para a referência de modernidade e necessidade de se ser flexível à mutabilidade:

o homem do próximo milênio “(...) *consegue, com habilidade, lidar simultaneamente com os dois papéis, tanto do homem quanto da mulher*” (linhas 121 e 122).

Enfim, o autor da segunda reportagem termina por afirmar que, no futuro, todas essas incertezas a respeito da própria identidade provavelmente desapareçam, caso as pessoas se tornem “*mais maleáveis na aparência e na postura*” (linha 127), ou seja, caso as pessoas busquem o verdadeiro sentido de “**ser feliz**”.

Nesse ponto, recorrendo ao texto I, linhas 21 a 23, veremos que a proposta de Maria Tereza, apesar de toda a divergência ideológica subjacente aos dois textos, é basicamente a mesma. Ela acredita que “*a mulher-verdugo, contrariando as leis naturais que Deus e o Estado deram ao homem na direção da família*”, certamente estará deixando de lado o que realmente mais importa: “**a felicidade**”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiados em pressupostos teóricos fundamentais para a explicação das características e funcionamento do léxico, na dinâmica da língua, pudemos descrever e analisar o vocabulário empregado nas duas reportagens de revistas datadas de épocas distintas e distantes entre si.

O trabalho empreendido permitiu-nos chegar à conclusão de que a língua é um instrumento de comunicação dinâmico, produtivo; um sistema que carrega consigo traços culturais, sociais e, principalmente, ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. Processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**; coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1988, v. I, p. 29-41.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: 2004.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

POTTIER, B. A Definição Semântica nos Dicionários. In: LOBATO, L. M. P. **A Semântica na Lingüística Moderna – O Léxico**. Rio de Janeiro, 1977.

VILELA, M. **O Léxico da Simpatia**. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.